

Fronteiras geracionais e horizontes de emergência: marginalidade, solidariedade e política nas margens

Adson Ney Amorim¹

Fernando de Jesus Rodrigues²

Preâmbulo: diálogo marginais

A conversa entre dois percursos etnográficos em diferentes bairros de Maceió nos levou a uma reflexão sobre política, apoio mútuo e sobrevivência no cotidiano de moradores de periferias urbanas de uma capital e estado periférico, uma das “fronteiras internas” do Brasil. Ela se deu no diálogo com pessoas mais velhas e mais jovens de dois locais estigmatizados, situados em bairros já cobertos por símbolos manuseados na cidade para diminuir seus valores humanos.

De um lado, na parte baixa, Adson têm atuado no último ano e meio em uma brigada popular no bairro da Levada, nascida de um encadeamento de mobilizações culturais, partidárias e juvenis, após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Tal atuação envolveu a participação na educação popular de jovens que, na prática, se direcionou aos mais velhos, e ações de apoio na distribuição de alimentos doados pelo MST, mobilização levada a cabo em resposta aos efeitos da pandemia sobre os moradores.

De outro, na parte alta, Fernando mantinha interlocução com pessoas engajadas em *ações sociais* e de *evangelização*, em uma igreja batista em uma *grotá* no Benedito Bentes, bairro conhecido carinhosa e depreciativamente como o “Biu”. A interlocução ocorre há 6 anos e veio na esteira de um projeto de extensão e pesquisas que, conjuntamente, duraram 3 anos. A primeira sobre circuitos populares de diversão em diferentes bairros de Maceió e a segunda relativa à elaboração de um relatório para desenvolvimento de política pública local. O período da pandemia, por sua vez, interrompeu um projeto de pesquisa na *grotá* em seu início, baseado em metodologias participativas.

¹ Mestre em Sociologia (PPGS/UFAL); Integrante da rede GRUPPAES/UFAL (Grupo de Pesquisas Periferias, Afetos e Economia das Simbolizações) Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória, Identidade e Território (GPMIT).

² Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL, Brasil; London School of Economics (LSE)/Latin American and Caribbean Centre (LACC), Londres, Reino Unido. E-mails: ferssa@gmail.com; fernando.rodrigues@ics.ufal.br

Aproximamos as duas experiências pelo diálogo próximo que mantemos em um projeto coletivo de pesquisa. Assim, veio uma questão sobre as mobilizações guiadas por diferentes horizontes de emergência – tanto no sentido de urgência quanto no de “subir na vida”. Tais diferenças ganharam foco nas relações cotidianas entre pessoas de diferentes gerações e situadas em recentes mutações das periferias urbanas de Maceió.

Experiências como as que etnografamos nesse artigo têm sido lidas sob diferentes ângulos: as condições pragmáticas em que governos e violências são aceitas nas margens globais (DAS, 2015; DAS; RANDERIA, 2015; PEARCE, 2020); as dinâmicas cotidianas de construção de questões públicas que mobilizam as pessoas agirem e reagirem como governos em seus territórios, co-atuando na feitura do legal e do ilegal (BARBOSA, 1998; FELTRAN, 2007; HIRATA, 2018; TELLES; HIRATA, 2007); as figurações da “nova pobreza urbana” e seus entrelaçamentos com repertórios simbólicos de distinção social e horizontes de vida (ALMEIDA; LUCCA, 2008; HITA; DUCCINI, 2007; SOUZA, 2010). Perspectivas atravessadas pela preocupação em compreender a vida e suas formas nas periferias urbanas, algumas delas muito próximas da “vida rural”, cada vez mais marcadas pela pressão para trocas por dinheiro. Algo que nos faz colocar em questão a multiplicidade de percursos políticos e econômicos da vida urbana (BOURDIEU, 2013; FELTRAN, 2019; FURTADO, 2003; RODRIGUES, 2019b; SANTOS, 2008).

Aqui, trataremos como pessoas propõem questões públicas no cotidiano de seus bairros e circuitos urbanos, expressas em mobilizações por diversão, educação e promoção de ajuda assistencial. Também lidamos como a pandemia, ao ter afetado parte desses horizontes, ampliou a visibilidade de condições de urgência anteriores às pressões por confinamento em combate ao novo coronavírus. Isso ajudou a propor compreensões sobre singularidades da periferização urbana em Maceió. O processo se conecta à mutação dos interiores do estado de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe como fronteiras internas entrelaçadas a novas “centralidades”. Tal figuração tem engendrado horizontes de urgência e disposições pessoais que estruturam o atual cotidiano com o qual as pessoas enfrentaram e enfrentam distintamente a pandemia e a redução das trocas que estão na base de seus sustentos diários.

O artigo, assim, se divide em quatro partes: após este preambulo, segue-se um conjunto de seções baseado no acompanhamento da circulação de alguns moradores mais jovens e mais velhos na Levada, advindas da aproximação e tensão entre brigadistas, moradores e bregafunkeiros. Na sequência, temos um segundo conjunto de seções, desenvolvido a partir da aproximação entre um pastor batista, um capoeirista e jovens de

uma *grotta*. Destacamos o trânsito entre participações em atividades de assistência e mobilização política além de *corres* nas redes de trabalho informais e criminais, marcadas por pequeninos negócios e rivalidade entre redes faccionais. Por fim, destacamos as diferenças intergeracionais entre repertórios de mobilização coletiva e as mudanças nas figurações de proximidade e distância social entre viventes das periferias de Maceió nos últimos 20 anos.

Parte baixa: relevos geracionais de distinção e urgência na Levada

Março de 2020, dias antes do decreto estadual de quarentena. Três jovens cruzam a ponte sobre o córrego que liga um conjunto de casas à avenida principal do bairro. O fluxo espesso e escuro mistura dejetos humanos às águas da lagoa Mundaú, importante estuário da zona sul de Maceió e um dos símbolos – metáfora e metonímia – das Alagoas. O fluxo do córrego parece ao mesmo tempo parado e em movimento. Os garotos de peles periféricas chegam ao outro lado. São pretos, morenos, caboclos. “Maloqueiros”, pela maneira como cotidianamente são tratados em supermercados e vias públicas. Seus corpos magros e sarados caminham de cabelos e sobrancelhas meticulosamente desenhados, parcialmente cobertos por camisas-regata em um estravagante verde limão. Nelas estampado em preto ‘Los Mandelas’, o nome do grupo. Conversavam alto e riam uns dos outros. Um deles carregava uma caixa de som no ombro direito, animando a caminhada. No volume máximo, uma voz feminina ecoava um tanto infantil: ‘Sou princesa da favela/ Minha buceta é viciante/ Vem provar o gostinho dela/ Novinho tô instigante’. Antes de atravessar a avenida, um deles tenta uma ‘sarrada’ no ar. O movimento não foi sincronizado com a batida da música. Os outros riram. Eles iam para a praça do Largo São Pedro.

A tarde ia ensolarada, observávamos grupos de adolescentes entre ruas, becos, vilas e casas com caixas de som portáteis ouvindo ou dançando bregafunk. O Los Mandelas é um grupo de dança composto por mais de vinte meninos entre 9 e 17 anos. Ensaivavam diariamente durante as tardes e competiam com outros grupos em um circuito de batalhas de passinho³ nas “periferias” ou, ainda, se apresentavam em festas privadas, organizadas por

³ Modo como ficaram conhecidas as coreografias que conduzem a produção dos beats do bregafunk. O ritmo intenso que mistura batidas de tecnobrega e funk ganhou nos últimos anos legibilidade na indústria fonográfica para além de seus circuitos iniciais em Pernambuco. Artistas como Dadá Boladão; Felipe Original e grupos como Shevchenko e El Loco; MC Loma e as Gêmeas Lacração disparavam em visualizações no Youtube e plataformas de streaming. Somente no Spotify, segundo a diretoria de relacionamento com os artista da plataforma, fornecidas aos portais G1 e BBC News Brasil, em 2019 as reproduções do gênero cresceram 145%. Em Alagoas, entre Maio e Julho de 2020, de acordo com dados levantados pela Agência Tatu o bregafunk liderava o ranking de músicas mais reproduzidas no Youtube, tendo também seis entre as dez músicas mais reproduzidas.

pequenos comerciantes destes bairros, e outras vezes em festas organizadas pela galera que controlava *bocas e biqueiras*.

Em uma das tardes que caminhávamos no bairro, conhecemos André. Um adolescente na casa dos dezessete anos. Negro, alto, sempre a desfilar roupas de grifes esportivas famosas – umas tantas réplicas - e correntes e brincos de ouro. Ele divide suas atividades diárias em uma peixaria com os ensaios e filmagens do grupo de passinho que lidera. Pondera que mudam as localidades de treinos e apresentações pela falta de espaço e a disputa pelos poucos disponíveis. Além disso, enfrentam as pressões de alguns moradores mais velhos, antipáticos às reuniões juvenis. Os mais velhos são também referidos nas falas dos jovens que treinam na praça como aqueles que não gostam do gênero musical e que associam o bregafunk a eles - os garotos – como “coisa de maloqueiro”.

O termo já foi⁴ e ainda é usado em periferias urbanas maceioenses para referir expressões e pessoas – principalmente homens – que a “boa sociedade” local e a polícia devem desmoralizar e reprimir. Quem usa rotineiramente o termo para se referir a situações dentro do bairro também está sujeito a ser rotulado pelo nome quando está fora dele, acionando dispositivos de marginalização moral pela cidade. As pessoas que costumam estar rotineiramente nessas fronteiras simbólicas – de acusarem e serem acusados de “maloqueiros” – são pessoas mais próximas – pela vida no trabalho e por espaços de consumo – de pessoas e grupos de classes médias de bairros mais adequadamente urbanizados.

Nas fronteiras urbanas mais amplas, incluindo aquelas expressas na ambivalência dos rótulos de avaliação das cores de suas peles e da beleza de suas feições, moradores expressam desejos de ganhar uma legibilidade pública nos seus bairros e entre bairros como pessoas ordeiras que moram em um lugar tranquilo.

Outro dia, conversávamos com Cláudio na ponte sobre o córrego em frente à sua casa. Ele apresentou-se como um trabalhador que faz bicos como pedreiro, eletricista, marceneiro e encanador, em suas palavras, “todo tipo de reparo”. Se queixava da movimentação dos jovens no bairro. Durante o último natal colocou luzes na árvore em frente à sua casa e os *noieiros* roubaram. Outra vez foram os pneus do canteiro que tentaram arrancar para *maloqueirar* – depois de usarem drogas. Segundo ele, essas situações estão acontecendo menos que a dois anos atrás, quando eram comuns roubos e assassinatos.

⁴ “Maloquêro” é um rótulo depreciativo transmitido e manuseado por gerações anteriores em Maceió para isolar e demarcar simbolicamente pessoas e expressões que moradores de bairros mais e menos estigmatizados desejam se distanciar para manterem-se respeitáveis. Desde os anos 40, “maloqueiro” alia estigmatização pela moradia, as malocas, e por participação no consumo e comércio de uma coisa ilegal e psicoativa, localmente conhecida por gerações anteriores como liamba: a maconha.

Diminuição, na avaliação local, relacionada à recente hegemonia dos aliados CV no controle das bocas de fumo da região lagunar. “A zona sul avermelhou”, muitos moradores assim se referem ao processo de expulsão ou conversão muito recente de aliados e símbolos PCC da região. Ademais, foi taxativo em afirmar que na praça só tinha o que não presta. “Todos ali são sem futuro”, falou apontando para marcas de bala na parede de sua casa e ponderou que as reuniões de garotos costumavam gerar troca de tiros “quase toda semana”.

Sem futuro é uma qualificação acusatória e, ao mesmo tempo, potência simbólica de afastar situações próximas, ao ponto de já tê-las vivido. Ele se posiciona na conversa como se tivesse horizontes distintos dos garotos – tanto os bregafunkeiros quanto os do *corre* em bocas e biqueiras – que frequentavam a praça. As diferenças enunciadas entre moradores requerem atenção porque na representação pública, sobretudo nos jornais, o olhar geralmente se concentra nas “semelhanças”, marcadas pela associação entre pobreza e criminalidade, em relação às regiões melhor urbanizadas da cidade.

Cláudio também *faz gato* mediante pagamento. Para *puxar um fio* de poste público para casas de pessoas que não podem ou não se dispõem a pagar a concessionária, ele cobra, a depender do bairro e da percepção de posse de dinheiro de seu demandante, 200, 500 ou 700 reais. A micro avaliação da renda também é minuciosidade de percepção de distâncias de classe. A atividade é nativamente vista como legítima ainda que de uma perspectiva externa seja considerada ilegal. Ele percebe sua atividade como um *corre*, trabalho rápido pra atender urgências cotidianas, diferente do que *faz a maloqueiragem*, os desocupados que dançam, fazem arruaça e usam drogas ou o *corre* dos garotos que *metem uma fita* roubando ou parados em uma esquina da quebrada *passam droga*. Ele usa as mãos de trabalhador para deixar sua casa ou a de outros “arrumada” e se interessa pelo embelezamento da “frente de casa” que entende como uma extensão de sua residência.

A leitura que os moradores fazem de serem melhores ou piores que seus vizinhos também dependem das referências políticas e culturais de homens e mulheres que tem mais acesso às armas: policiais que conhecem a quebrada e os dono/as de bocas e biqueiras, polo hegemonizado atualmente por alianças faccionais. As posições de cada morador, entretanto, podem ser compreendidas numa escala de variações multi-tons, também graduadas por fortes limitações de acesso à educação escolar e a empregos com melhores pagamentos. Trata-se de situações de pobreza entre pessoas que se percebem tão diferentes, que as diferenças de pobreza e riqueza de dinheiro, isoladamente, parecem não fazer sentido, ainda que na reprodução global da desigualdade façam toda a diferença.

A casa em que Cláudio mora foi o resultado de reformas contínuas e duradouras, que se gaba de ter feito, apesar de o terreno ser da esposa, agora desempregada, mas há época da reforma faxineira de um hospital. São as dinâmicas de autoconstrução da urbanização periférica (CALDEIRA, 2017; KOWARICK, 2002). Segundo seu relato, fez melhorias na casa até que fosse uma das mais arrumadas daquele trecho, mas fica chateado de não conseguir fazer mais embelezamentos por conta dos *maloqueiros que esculhambam tudo*. Ao menos na frente de sua casa podia-se ter um pouco de ordem, pondera.

Veio para o bairro quando conheceu sua companheira há seis anos, em um hospital. Acompanhava um parente doente, rolou uma paquera com a faxineira, um contato para fazer um serviço de pedreiro em sua casa. De contratado virou companheiro na casa que ia reformar.

Criado no Benedito Bentes, parte alta, Cláudio foi morar, tal como agora, na residência da primeira companheira em Satuba, cidade vizinha à Maceió. O casamento não deu certo, deixou um filho com quem mantém pouco contato e rumou de volta para a casa da mãe. Já morando com a nova companheira, tentaram adquirir um terreno numa ocupação de um movimento de sem teto na parte alta da cidade. O casal via na ocupação a possibilidade de melhorar de vida por um pequeno empreendimento. Alugariam a casa da Levada, na parte baixa, e construiriam uma moradia e um pequeno comércio na ocupação. Empreendimento familiar nas brechas da movimentação social. De um pulo, também se tornariam pequenos rentistas. No entanto, o horizonte se desfez pelo temor gerado pela ação policial truculenta, numa tentativa de despejo ainda nas primeiras semanas de ocupação.

A polícia é barreira à emergência social aos olhos de pessoas como Cláudio, bregafunkeiros e donos de biqueiras, embora sintam-se diferentes entre si. Já aos olhos dos aliados de soldados, cabos e sargentos da polícia nas quebradas, e são muitos, os ocupantes dos movimentos dos sem-teto são simples desordeiros e oportunistas. Pra Cláudio e a companheira, entretanto, seriam oportunidades e novas perspectivas moldadas nas urgências, que se tornam horizontes de emergência.

Tal como Cláudio, temos percebido que parte dos moradores mais velhos afetam-se com sentimentos de raiva e indignação quando observam os mais jovens pelas ruas, sonhando com visibilidade de seus grupos de passinho na internet, ou ainda almejando ganhar reconhecimento como animadores-artistas em apresentações públicas em praças ou para empreendedores nos pequenos negócios informais e ilegais da região. Negócios e políticas econômicas, vale ressaltar, demarcados por permissões e restrições faccionais.

Tensão política e estética: brigadistas, “bregafunkeiros” e moradores

Essa tensão entre bregafunkeiros e moradores do bairro tornou-se uma questão a partir de tentativas de aproximação de brigadistas de garotos que se apresentavam como MC’s e dançarinos de bregafunk⁵. Adson estava num mutirão de alfabetização popular que abria as atividades da brigada no bairro. Durante as tardes das primeiras semanas do mês de maio, junto ao brigadista Walter, também buscava aproximação de jovens dispostos a participar. Isso implicou anda pela quebrada e conversar com diferentes pessoas na busca de dar visibilidade ao projeto. As caminhadas deram vista, por sua vez, à presença intensa dos jovens em becos, vielas e ruas, inclusive dos bregafunkeiros, sentados nas esquinas, soltando pipas, jogando bola ou, ainda, dançando.

Walter, já *fez correria* como motoboy antes de ingressar no MST e ganhou algum dinheiro como micro traficante em uma *boca de fumo* na zona norte de Maceió. O movimento social ajudou a mudar sua vida de rumo, sobretudo depois de uma ocupação ao prédio do IPHAN em Maceió, durante o governo Temer, que aproximou diferentes movimentos e jovens à procura de um engajamento social. Seu olhar atento levantou a desconfiança de que alguns *moleques* estavam fazendo o *corre* nas esquinas e se mostrava surpreso com o crescimento de *grupos de passinbo*. Walter também participava de batalhas de rimas que ganharam popularidade recente em Maceió (BARROSO, 2019; SANTOS, 2014). Em suas rimas estavam imbricados os dilemas de desvalidos do campo e da cidade, de acampamentos e assentamentos da reforma agrária e periferias urbanas como consequências do capitalismo agro-industrial, esse sim estrutural em Alagoas. A partir de pressões de sua rede familiar, passou a acompanhá-los em atividades do MST. Seria uma saída encontrada por esta rede de proteção para livrá-lo da prisão ou da morte. Estava sendo visado por guarnições policiais em sua quebrada. Aos poucos foi se integrando à dinâmica do movimento. Participou de marchas, eventos e investiu parte de seu tempo em cursos de formação política até ocupar uma posição de coordenação e decidir construir um barraco em um acampamento.

⁵ De maneira mais genérica, o Congresso do Povo Brasileiro seria uma organização conjunta de movimentos populares (dos quais é possível destacar UNE, MST, CPT, CUT, CTB e Levante popular da juventude) para a definição de uma agenda comum e ampla de atuação para o período político que seguiria o pós-impeachment da presidente Dilma Rousseff, bem como laboratório de metodologias de engajamento com as bases. A partir da leitura de que as organizações de esquerda viviam um grande desgaste, a ideia inicial seria experimentar formas de retomar o diálogo e a mobilização entre categorias de trabalhadores, estudantes e organizações de bairros por todo o país que culminaria num grande congresso a ser realizado no estádio do Maracanã (RJ). O acirramento das tensões políticas, o curto espaço de tempo de mobilização, somados às pretensões eleitorais particulares de cada organização que compunha esse projeto de frente ampla⁵, tal como o próprio desgaste das organizações impossibilitaram a construção do congresso. Levada a cabo em 2019 pelo MST.

Recentemente, ingressou no curso de agroecologia na UFAL a partir do Pronera⁶ e divide seu tempo entre a faculdade, as atividades na roça e a militância na brigada.

Na semana seguinte, enquanto seguia as matrículas para a turma de alfabetização, Adson e Walter pararam para conversar com cinco garotos que dançavam em um beco. Eles os reconheciam da praça. Um deles era André. Em tom descontraído, Walter perguntou se estavam ensaiando e eles responderam positivamente. Tratava-se da preparação do grupo para uma batalha que estavam organizando no bairro. Não conseguimos ir ao evento, mas na semana seguinte, ficamos sabendo que o evento não deu certo por falta de estrutura de som adequada e por reclamações de vizinhos.

Adson e Walter voltaram para os colegas brigadistas com novas ideias a partir dos encontros que estavam acontecendo. Na reunião de planejamento da semana seguinte, diante do que entendia como um potencial de organização desses adolescentes em torno do passinho, Ícaro, coordenador da brigada, propunha que “juventude e cultura”⁷ se tornasse um dos eixos principais de atuação da brigada. Nesse percurso, ideais com origem na Ação Popular Católica e do “partidão” ganhavam novos desdobramentos via partidos, universidade e movimentos sociais, embora alguns dos brigadistas fossem filhos de evangélicos.

Do contato com a demanda do grupo de dançarinos, planejamos um evento na praça com os garotos. Procuramos moradores do Largo São Pedro que por conta do mutirão de alfabetização, enxergavam a brigada como uma escola. Diferente de como lidam com os coletivos de MCs e dançarinos, foram receptivos, afirmando que aquela era uma possibilidade de dar vida à praça e oferecer lazer aos jovens da comunidade. Entretanto, para os garotos bregafunkeiros não era apenas lazer, mas oportunidade de visibilidade pra *fazer corres* como shows e apresentações pagas. Seria chance de atrair possíveis interessados em um serviço para festa privada, nutrindo um horizonte para ganhar a vida, uma micro iniciativa.

Esta ideia era concreta nos sonhos dos meninos do bregafunk mas ainda abstrata nos sonhos dos brigadistas, inspirados ainda em ideais do PCB e da Ação Popular Católica, que

⁶ O programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, segundo o INCRA propõe e apoia projetos de educação voltados ao desenvolvimento das áreas de reforma agrária. São cursos de ensino básico, técnico, superior e pós-graduação destinados a jovens e adultos de assentamentos criados ou reconhecidos pelo INCRA, quilombolas, trabalhadores acampados que tenham cadastro na autarquia e beneficiários do Programa Nacional de Crédito Fundiário. Walter é um dos cinquenta alunos da turma de bacharelado em agroecologia da UFAL em parceria com o INCRA.

⁷ Boa parte dos brigadistas vinham de experiências anteriores com o Levante Popular da Juventude, na Chã de Jaqueira, bairro onde mantinham reuniões periódicas, apoiavam a construção de eventos e mantinham um cursinho pré-vestibular. Com exceção de Ana, que pouco conhecia Maceió e via com desconfiança aquele movimento, as expectativas com o passinho cresciam entre brigadistas. Walter ficou responsável de construir alguma articulação com os dançarinos, vez que entre os brigadistas, era visto como o garoto mais desenrolado para lidar com garotos da quebrada que possivelmente estavam no crime.

também se tornou maoísta nos anos 70, especialmente pela identificação com as ligas camponesas. Perspectivas constantemente reatualizadas nos movimentos sociais de esquerda, de um mundo de trabalhadores sindicalizados e de capitalismo industrial como o do ABC paulista, que não vingou em Alagoas. O pouco dessa fantasia industrial na vida dos pobres urbanos maceioenses está nos escombros deixados pela Braskem no Pinheiro⁸, Bebedouro, Mutange e Bom Parto, bairros parcialmente postos abaixo pela extração de sal-gema.

Os brigadistas buscavam ampliar o diálogo pois queriam ter um “projeto” para a comunidade, algo factível, ainda que se pegassem resistentemente às paixões por lutar contra a alienação do povo em termos de um fantasioso mundo industrial de trabalhadores sindicalizados em Alagoas. Sinal da flexibilidade foi que, durante a tarde, promoveram uma roda de conversa sobre música e periferia com artistas e produtores de diferentes bairros. Embalaram-se pela ideia de dinamizar circuitos de economia criativa em periferias urbanas, tensionados pela juventude local. Em seguida aconteceriam as apresentações.

Bregafunk na praça

Um grupo percussivo de crianças conduzido por um projeto social do bairro, uma banda de afroreggae do bairro vizinho, um cantor de reggae no formato voz e violão, alguns MCs da Levada e o próprio grupo de passinho. O evento encheu a praça com muitos jovens e com os moradores do Largo, que mesmo não gostando do bregafunk, assistiam às apresentações. A situação também era oportunidade para pessoas como Cláudio e a esposa venderem lanches e ganhar algum dinheiro. Muitos garotos que circulavam nas esquinas se divertiam. O terreno triangular desprovido de árvores e com pequenos bancos improvisados estava tomado por adolescentes. A praça era cercada por casas, pequenos empreendimentos informais e uma igreja neopentecostal. Dispostos em círculos, eles se alternavam entre beber, conversar, dançar e paquerar. Por volta das oito e meia da noite, uma correria assustou o público.

Uma viatura da Rádio Patrulha da polícia militar manobrou com velocidade agressiva na direção de um jovem. Impressionou como tantas pessoas se dispersaram rápido. Três policiais de armas em punho abordaram o garoto. Seu Elias – que vislumbra ser representante

⁸ Desde janeiro de 2018, quando a partir de tremores de terra surgiram as primeiras rachaduras em casas e crateras no solo do bairro do Pinheiro, milhares de famílias tiveram de sair de suas casas. Após um ano de pesquisas do Serviço Geológico Brasileiro (CPRM), constatou-se que a instabilidade do solo seriam consequência de três fissuras com 1,5 km cada, decorrentes de décadas de exploração de minas subterrâneas de sal-gema pela mineradora Braskem. De lá pra cá o número de bairros atingidos cresceu para quatro (Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom parto) e o número de famílias que tiveram de deixar as suas casas ultrapassou 20 mil. (Sobre essa questão ver: CAVALCANTE,2020).

dos moradores do Largo São Pedro – falou para continuarmos o som, pois a polícia não podia acabar com o pouco lazer da comunidade. Os MC's continuaram a cantar, ainda que olhassem receosos a situação. Outros dois policiais ficaram escorados na viatura, enquanto os três abordavam o garoto. “Cadê a arma? De quem é esse celular? Cadê a arma? A gente não veio pra brincadeira, temos uma denúncia e sabemos que tem uma arma”. Revistaram o rapaz por cerca de quinze minutos. Bolsos, cintura, carteira, celular... Não encontraram nada. Fizeram uma foto e foram embora dizendo que voltariam, pois estavam de olho no rapaz. De onde estava ouvi um garoto afirmar que a denúncia devia ser uma ‘cocó’⁹. Os cabuêtas, como os caguetas são conhecidos em Alagoas, estavam agindo. Outro dizia que estava sossegado, pois a arma estava escondida.

Na velocidade em que a praça esvaziou com a chegada da viatura, ela encheu com a sua saída. A apresentação de Bruninho durou pouco mais de cinco minutos. A abordagem também intimidou os outros MC's. Enquanto um novo mestre de cerimônia subia ao palco, Bruninho atravessava a avenida em direção à Brejal olhando “cabreiro” para os lados. A polícia tinha conseguido intimidar e ali via-se que era barreira aos sonhos de empreendimentos culturais dos mais pobres “do mundo”, nome muito comum usado por evangélicos para qualificar tudo que não é “de Deus”, como o bregafunk. Nem terra, nem “negocinho” individual, nem show de bregafunk. A liberdade de marcar presença e ocupar espaços pelos “periféricos”, e controlada pela “lei e ordem”, eram diariamente restringidas.

A partir dos contatos estabelecidos naquele evento, a legibilidade do bregafunk nas redes do bairro e de outras periferias da cidade tornava-se relevante entre parcela dos brigadistas, convertendo-se em pressão interna para aproximarem-se dos garotos que se mobilizavam por diversão, não apenas como consumo mas também como produto cultural que troca bens, inclusive dinheiro. A aposta era que a partir desses espaços pudesse viabilizar ações de apoio assistencial e formação política para jovens periféricos. Entretanto, a pandemia e as medidas de confinamento alteraram substancialmente os projetos, as urgências e os horizontes de emergência dos grupos.

A pandemia e a reconfiguração de horizontes

Contrariando as recomendações das autoridades sanitárias, as aglomerações continuavam nas ruas. As autoridades sanitárias não costumavam aparecer no cotidiano de falta constante de água encanada e tratamento de esgotos antes da pandemia. Depois de pouco mais de duas semanas de isolamento social, a escassez diversas vezes narrada por

⁹ Armação para prejudicar alguma pessoa.

alguns vizinhos deu lugar à fome. Proliferaram relatos de pessoas ainda mais pobres, nas margens da humanidade, sem ter condições de pagar aluguel e que investiram na compra ou troca de objetos pessoais por barracos de lona no complexo de favelas da beira da lagoa. Nadir, que *fez correria* diversas vezes como voluntária nas campanhas de doação foi uma delas. Contou que na primeira noite de sono, o barraco desabou em virtude das fortes chuvas. Teve de ir morar de favor com o marido na casa de uma amiga perto de sua antiga residência.

As batalhas diárias dos moradores do bairro e o receio da chegada da doença com poucos recursos de cuidado entre os moradores compunha um novo ambiente de incerteza cotidiano e de acachapante pressão psíquica. Em grande medida, acentuava ao mesmo tempo os sentimentos de medo e abandono diante da morte.

Em outra casa, a pandemia chocou-se na encruzilhada com o horizonte de emergência e avanço da dupla de MCs e das atividades de mobilização popular dos brigadistas. No período de maior atividade da dupla, que circulava por boates da classe média, a pandemia interrompe horizontes de emergência. Nas ruas do bairro, os grupos de passinho continuavam circulando, ainda que em menor número. Para eles, o investimento no bregafunk não podia parar. O vírus como doença parecia uma realidade distante entre os dançarinos, apesar da concentração de casos no bairro. Entretanto, o MC Dog Crazy estava assustado com as mortes de conhecidos. Sua ex-companheira esperava uma bebê. Num primeiro momento, manteve-se recluso. Precisando de dinheiro, viu-se obrigado à busca por emprego, colocando currículos em diversas lojas, coincidindo com o período de retorno gradual das atividades em Maceió. Ninguém o contratou, as vagas rarearam drasticamente.

Se, de um lado, a pandemia fechou vagas de emprego no mercado de “serviços”, abriu-se algumas oportunidades no mercado de propaganda eleitoral e de negócios. É ano de eleição municipal e ele passou a investir intensamente na busca por alianças que lhe permitissem dar continuidade ao sonho de uma carreira musical. As trocas com redes de pequenos comerciantes, “blogueiros favelados” e lideranças comunitárias pré-candidatas a vereadores ganharam novas feições. As trocas de expectativas por alianças em busca de redes de ajuda assistencial, divulgação de pequenos negócios e cabos eleitorais locais e influentes fervilharam. Ainda que o apoio dessas redes tenha desde o início da carreira certa importância para os MCs, passaram a se tornar parte decisiva da trama que enovela a horizontes de urgência e ascensão para estes jovens, seja no financiamento ou divulgação de suas *correrias*. A lógica da permuta de divulgação por algum serviço passou basicamente a sustentar alguns desses adolescentes, bem como ampliar as vendas de pequenos estabelecimentos locais. Os garotos recebem, em virtude da capacidade de seguidores que conseguem mobilizar nas redes

sociais, favorecimentos em dinheiro ou em serviços em troca da divulgação de determinado estabelecimento.

De outro lado, as pressões por assistência aos moradores mais velhos no bairro, que se enxergavam como pessoas responsáveis pela manutenção de suas vidas e de seus familiares, passaram a remodelar os planos de atuação dos brigadistas. A organização de mutirões de doação de aproximadamente cinquenta toneladas de alimentos em parceria com o MST; a distribuição quinzenal de cestas de alimentos, materiais de limpeza e equipamentos de proteção contra o covid-19 para famílias do bairro; além da disponibilização de uma rede de assistentes sociais que auxiliavam os moradores com demandas referentes ao auxílio emergencial e tarifas sociais nas contas de água e energia; esses eventos triplicaram as redes de moradores ligados à brigada.

Este movimento implicou, por um lado, a pressão de moradores por continuidade de atividades de assistência, educação e lazer durante a pandemia. Por outro, implicou a construção de um plano da brigada para integrar tais atividades à construção de um processo que abarcasse mais jovens e mais velhos. A “batalha das ideias” depende da capacidade de maleabilidade do projeto movimentista, constrangido pelos horizontes de urgência e repertórios morais dos moradores.

Na levada da virada evangélico-petista

As ações de movimentos sociais – seja os ligados a partidos de esquerda e ao empreendedorismo social financiado por empresas e bancos entre os muitos pobres – ganharam força renovada nos últimos 5 anos. Eles têm uma história anterior à pandemia, marcadas pelo golpe de 2016 e por uma reação a ele, expressa em um novo impulso de engajamento de jovens universitários em atividades de assistência, educação popular e atuação partidária. A tensão entre as pretensões dos jovens da brigada e as tomadas de posição de jovens que curtiam bregafunk, entretanto, tornaram-se visíveis em pensamentos e posturas de jovens de ambos os lados. De modo não intencionado, duas redes ligadas a novas buscas de expressão por questões públicas nas margens urbanas passavam a estabelecer alguma restrita aproximação e constrangimentos mútuos.

De um lado, jovens que se percebiam como de origem popular e periférica mas que de maneira inédita em suas famílias chegaram à universidade, em perspectiva externa, classes populares ascendentes, passaram a se organizar como uma brigada e a desenvolver atividades políticas em “bairros de periferia”. Estavam embalados por um repertório de ideais que via nos movimentos sociais uma possibilidade de construção de um projeto coletivo de

transformação dos rumos das vidas locais. Vinham de famílias com maior estabilidade econômica e inversão de recursos de suas famílias em educação que as dos bregafunkeiros, mas muito longe de serem ricos e distantes relativamente de círculos sociais das classes médias-altas. Aproximaram-se deles através da ampliação da mútua visibilidade, tensões e diálogos via universidade, particularmente pública, movimentos culturais e partidos de esquerda.

De outro, jovens que começavam a se afirmar e também serem referidos como “bregafunkeiros” experimentavam desconfiadas posturas de entender as intenções dos brigadistas com aquelas atividades. Buscavam negociar uma mudança de valor de alguns de seus horizontes embutidos em suas buscas por ocupação de espaços, mas de uma aposta difusa em um sentido de mudança de vida, com os mais velhos do bairro, via interlocução com os brigadistas.

Entretanto, uma parte de seus valores como bregafunkeiros, embalados em sonhos de serem artistas e animadores profissionais, eram prestigiosamente afirmadas em festas patrocinadas por comerciantes informais e donos de biqueiras e bocas, em quebradas difíceis de acessar. Os zoneamentos dos pequenos negócios são marcadas por restrições de circulação de pessoas decorrentes de conflitos entre alianças faccionais expressas na oposição entre aliados CV e PCC(RODRIGUES, 2020a;RODRIGUES, 2020b). Isso tem impacto na maneira como se moldam a política da presença de jovens ansiosos por terem algum valor em seus bairros e em circuitos de lazer e diversão entre bairros. A complexidade das divisões locais e do papel delas nas possibilidades de diálogo comum entre moradores e viventes da Levada requer ajustes finos de percepção sobre as perspectivas de diferentes atores.

Para os brigadistas, o interesse dos jovens do bairro em discutir suas experiências poderia ser convertido em formação política. Para os bregafunkeiros, a aproximação com os brigadistas era uma possibilidade de angariar aliados no bairro que pudessem disponibilizar estrutura para eventos e uma intermediação no reconhecimento do bregafunk como atividade cultural e possibilidade legítima de seu *negocinho*. Essa trama ambivalente de relações estabelecidas entre moradores mais velhos, moradores adolescentes e brigadistas nos auxilia a pensar transformações recentes nos repertórios de sentidos e gestos que estruturam horizontes de urgência e emergência nas periferias.

A ideia de trabalhador, ainda forte, especialmente no repertório do crime, se separa da ideia de trabalho, termo incomum no vocabulário de nossos interlocutores. Ninguém fala que tem um “trabalho”, mas que faz um “serviço”, uso antigo, mas agora adicionadas pelas ideias de “estar na guerra”, “arrumar um negocinho”, “fazer um corre ou correria” como

termos do cotidiano. Os sentidos de belicosidade e transitoriedade realçam ainda mais as atividades das quais se tira o sustento. Isso não apenas na parte baixa, mas também nos platôs altos de Maceió, para onde foi a cidade após os anos 60, e mais intensamente nos anos 80. Hoje, as partes altas e baixas compõem um circuito periférico de oportunidade e escassez, de urgência e emergência social que marca a vida de Dinairon, Moa e Catende cujas trajetórias nos servirão de guia para as próximas seções.

Parte alta: evangelizar e agir na grota

Desço de “vovô”, um honda civic 2004, verde musgo, estacionado na esquina entre um abatedouro de frango e uma loja de roupas. Meu parceiro Iram pergunta pelo tripé da máquina fotográfica, colocado no banco traseiro, e respondo levantando-o em sua direção. De portas travadas, subo a calçada alta e desalinhada e caminho rápido rumo à avenida principal do Benedito Bentes 2, ou simplesmente “Biu 2”.

Minha perna esbarra em um carrinho de feira conduzido por uma mulher que levava suas sacolas ao entrar abruptamente na rua da qual buscava sair. Nas calçadas estreitas caminham desencontrados passantes e compradores em um dos eixos comerciais do bairro. Eu e Iram queremos chegar ao outro lado da avenida, em verdade duas ruas por onde passam veículos em sentidos opostos, cortadas por um canteiro central. Nas margens estão carros estacionados, deixando apenas uma faixa de rolagem para veículos e bicicletas. Nas esquinas encontramos pequenos vendedores de comida pronta. Caldo de cana, salgados e cafezinhos, vendidos por homens batalhadores que empurram carros forjados por soldadores caseiros – como um interlocutor que fazia serviços em sua casa – ou por profissionais mais sofisticados que trabalham em empresas com soldadoras para grandes maquinários.

No canteiro central brotam barracas de madeira e metal onde se vende tudo que se pode produzir na cozinha de alguma casa do bairro, em um pequeno sítio, em plantações no fundo das grotas urbanas, na zona rural do interior do estado ou, ainda, nas grandes fábricas do Brasil e do Mundo. Mamão, amendoim, banana, limão; bolo, pastel frito e esfirra de carne; galinha e boi guisados com macaxeira ou cuscuz; cafezinho, água mineral e cerveja; panelas e outros utensílios, além de “confeitos”, o nome para as balinhas em Maceió. Também tem batatas chips, feitas em São Paulo, paçocas industrializadas do Paraná; pipocas e salgadinhos de Arapiraca, no agreste alagoano. Os mais jovens manuseiam celulares com zap que os mais velhos têm mais dificuldades. Estes comunicam-se pelo telefone.

Olho guloso pro amendoim cozido e o café na venda da senhorinha, mas já vamos atrasados pro compromisso. Ainda aguardo o ônibus reduzir a velocidade para passar o quebra-molas. Cruzamos a via e chegamos ao canteiro central. Levanto a vista apressado e noto a via livre do outro lado. Damos uma carreira pra cruzar a segunda rua. Não há calçada, mas barreiras de cimento que forçam o pedestre a andar pela margem. Damos mais uns 10 passos e chegamos à entrada de uma rua.

Trata-se de uma ladeira íngreme, pavimentada com paralelepípedos. As esquinas não são esquinas, mas prolongamentos de casas de um lado e de outro que formam muralhas altas à medida em que descemos. Lugar de pedestre é nem muito no meio da rua pra não cruzar com uma moto ou carro, apressados, e nem muito no canto que possa ser atingido pelos rejeitos humanos que descem ladeira a baixo, aos olhos de todos, diluídos nas águas verde-musgas. Não há espaço desocupado. Após uma casa, outra casa, pequenos fortes que desencorajam a presença de estranhos à frente de casa. Não há calçadas até a primeira curva da ladeira. As casas começam na rua.

Prosseguimos a descida. Há quilômetros de distância de onde estamos, por cima de uma encosta, observamos uma grande caixa d'água feita sobre uma enorme estrutura de concreto, assim como um conjunto habitacional cercado por vegetação nativa. Trata-se do outro lado do platô que avistamos da ladeira. Tiramos fotos. Abaixamos a vista e observamos uma enorme baixada com encostas íngremes nas quais se pode ver bananeiras, jaqueiras, casas de todos os tamanhos, percursos de terra batida, cimento, escadarias e corrimões.

Trata-se da Grota da Alegria, uma das 93 grotas catalogadas na cidade pelo estado de Alagoas. Ela ocupa uma extensa área entre a Av. Benedito Bentes e a Av. Cachoeiro do Meirim, acessada por dezenas de labirínticas entradas em seu entorno. Alcança regiões do bairro cujos moradores sentem-se mutuamente diferentes quanto à localização e reputação de sua moradia. As principais ruas que dão acesso à grota ficam na Avenida Benedito Bentes 2, nas Ruas São Jorge e Rua São Paulo, que são pavimentadas com paralelepípedos. Nelas vivem e passam algo em torno de 15 mil pessoas, com cerca de 5 mil crianças, estimativas feitas por moradores.

Descemos mais e avistamos uma curva. Nos dirigimos à casa de dona Alzira que afetuosamente exige que busquemos por ela sempre que estamos lá. Ela não estava em casa. Nosso compromisso hoje é com seu vizinho, o pastor Dinairon, que conduzia uma Igreja Batista na casa acima, separada por um córrego, com uma entrada bastante recuada. Conhecia Dinairon desde um evento que organizamos na Universidade e pouco a pouco fomos aproximando a interlocução. Estávamos conduzindo pesquisa entre moradores que tinha por

foco o que pensam sobre as questões mais urgentes para a grota. Disso surgiu a ideia de produzir um *vídeo-doc* a partir da história e perspectiva de seus moradores e aliados.

Notando nossa presença na entrada da igreja, ouvimos a voz de Dinairon convidar pra entrar. Ele resmungou sobre nosso atraso, mas vínhamos da parte baixa da cidade, há uns 18 quilômetros de distância, e enfrentamos um congestionamento na Av. Menino Marcelo, ponderamos. Começamos a preparar o gravador e câmera, mas conversamos ainda um bocado antes de começar a gravar. As notas que tomei delas, assim como da entrevista registrada me conduziram à história de Dinairon e da Grota. Remontou ao início das atividades da ONG que criou 11 anos antes, vinculada à Igreja.

Educador católico-batista e a frustração de um projeto popular

O pastor batista Dinairon lembra de um período anterior, há 11 anos, em 2006. Ele estava preocupado com as transformações do Brasil em sua grota. Os luteranos de uma igreja progressista canadense comunicam ao pastor que o financiamento da ONG que lidera, e com o que sustenta as *atividades sociais da igreja*, acabará em breve. O argumento é econômico e geopolítico: “O Brasil não precisa mais desse tipo de apoio. Agora vocês têm um governo que se preocupa com os pobres”, o pastor houve dos apoiadores. As expectativas com a ascensão de Lula e os Partido dos Trabalhadores à presidência eram elevadas. Uma atmosfera de esperança nos ares nordestinos, não apenas expressa pelos mais pobres, que lhes dariam uma vitória consagradora nas eleições de 2006¹⁰, mas pelos simpatizantes e financiadores transnacionais. Parte desses atores estavam vinculados a congregações religiosas católicas e protestantes do Canadá, Alemanha e Holanda. Confiavam no governo brasileiro para melhorar a vida dos pobres e, ao mesmo tempo, redirecionavam recursos para a África.

A vida é individualmente repleta de efeitos indesejados de fenômenos desejados. O pastor batista vinha de uma longa experiência de atividades eclesiais de base da Igreja católica. Atuou em uma paróquia em seu bairro de criação, o Jacintinho, liderada por freiras canadenses, orientadas mais por ideais de progressismo da ação popular católica que de teologia da libertação. Nessa caminhada, tornou-se um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores em Alagoas. O autorreconhecimento de uma vocação sacerdotal entrou em conflito com o desejo de casar e formar uma família. No percurso, encontrou o diálogo com Kevin e Anita, pastores de uma igreja batista progressista conhecida em toda a cidade, vista nos anos 70 e 80 como uma igreja vermelha, comunista e subversiva. O casal de pastores,

¹⁰ Notar que entre todos os estados do Nordeste, os eleitores do Estado de Alagoas foram os únicos que votaram majoritariamente no candidato Serra do PSDB em 2002. Em 2006, até os eleitores de Alagoas votariam em Lula, sinalizando aprovação do primeiro governo petista.

também vindos de formação em seminários católicos em Sergipe e Pernambuco (RODRIGUES, 2018; SANTOS, 2017), foram decisivos em sua conversão.

Ele investiu tardiamente em uma formação para pastor batista, ordenando-se, ainda que tenha mantido ideais e um repertório de posturas do educador popular de inspiração católica. Ressoava em seus gestos o velho bordão “conhecer para transformar” e “ver, julgar e agir” da AP, sintetizado nas propostas de educação de Paulo Freire e de uma igreja popular como a idealizada por Dom Helder Câmara, maiores referências do catolicismo progressista no Nordeste. Com o apoio do casal de pastores que atuavam em um bairro de classe média, Dinairon abre uma congregação filha daquela em uma região muito pobre, na grotta da Alegria.

O pastor Dinairon vivia em 2006 um mal-estar. Um curso de esforços seus nas redes locais para o PT chegar novamente à presidência culmina em conflitos internos com membros do partido, sua saída da legenda e o fim de uma parceria de 6 anos com os luteranos canadenses. A perda do financiamento impunha um fim às atividades culturais promovidas pela ONG ligada à Igreja. A pequena congregação perdeu força entre as famílias muito pobres que sentiam falta de ajuda assistencial com comida e saúde, mas igualmente lugares de confraternização, diversão e educação fora da escola e da vida doméstica. Pararam os encontros sociais embutidos nas aulas de capoeira, conjuntos de tambores, atividades de apoio à alfabetização e outras ações pontuais, mas regulares, voltadas para os jovens. Entre famílias e jovens com quem conversei, alguns sentiram-se órfãos das atividades. Na sequência, as famílias de alguns adolescentes também foram deixando os cultos, restando a camaradagem e amizade de alguém que mantém uma preocupação social com a grotta. Alguns antigos frequentadores e vizinhos continuaram a interlocução com Dinairon, mas como um amigo da comunidade. A igreja continuou seu caminho com outros projetos e novo público que, aos poucos, foi se renovando.

Essa trajetória o colocou nas fronteiras pouco legíveis entre aqueles que se afastaram do partido, dos movimentos sociais e do vínculo com o catolicismo social, de um lado, e de outro, ambivalentemente percebido como um “católico melhorado” entre os moradores evangélicos da grotta, cujo prestígio gravita em torno dos assembleianos. Estes detêm a maior edificação (Igreja) dentro da grotta e dão demonstrações cotidianas de orgulho congregacional pelas ruas, especialmente pelo som de caixinhas de som de obreiros em bicicletas, motocicletas ou nos ombros, ecoando músicas gospel. A política da presença sonora é vital na economia moral da grotta (OOSTERBAAN, 2009, 2015) e ela está relacionada à mudança nas figurações da relação entre diversão e integração social nas periferias urbanas de pequenas

e médias cidades alagoanas, mais conectadas entre si (SANTOS, 2016; SANTOS; RODRIGUES, 2019).

Assim, Dinairon posicionou-se e foi posicionado em lugares pouco nítidos aos olhos de lideranças estabelecidas na política e na religião local, mas também na economia moral e moral econômica da grota. Afinal, é forte a ideia de que “pastor é ladrão” entre os sem religião, e entre os evangélicos que católicos são acomodados ao sofrimento em nome de um deus crucificado. A teologia da libertação é hoje, de fato, pouco conhecida.

Da aproximação com o pastor e acompanhado de meu parceiro Iram, ouvi moradores e ativistas sobre o que viam como necessidades de infraestrutura e serviços, em mais uma redescoberta das grotas como lugar de cidadania eleitoral pelo governo do estado. Assim, conheci um grupo de capoeira e fui apresentado à Moa, integrante que atuou nas ações sociais da pequena congregação batista onze anos antes.

Migração, urgência e moradia urbana

Moa morava no ponto mais baixo da grota. Do local da Igreja onde estávamos, precisávamos descer ainda mais um cadinho para chegar à sua residência. Ela estava localizada em uma encruzilhada, marcada por uma mangueira alta e vistosa, mas que circula nas conversas e rumores entre moradores como um dos lugares mais perigosos durante a noite. De sua casa, Moa já ouviu, viu e entrevistou em inúmeros linchamentos de pessoas, alguns deles terminando em assassinatos.

São garotos homens e negro-mestiços – conhecidos ou estranhos da comunidade – que assaltam na “parte de cima” e “descem” correndo, para buscar proteção da polícia. “Dentro”, a atitude é combatida por donos de biqueiras com espancamentos ou assassinatos, muitas vezes difundindo o boato aos gritos, no momento da correria, de que se trata de um *tarado*. Alguns donos de biqueira têm *voz na comunidade*. Costuma-se fazer circular avisos pro *ladrão* antes de uma *cobrança pesada*. Inclusive uma conversa cara à cara. Os donos de biqueiras (a região é aliada-PCC) lutam contra a entrada de guarnições e viaturas policiais na grota a todo custo. Há inúmeras saídas labirínticas em escadarias ou caminhos de terra que leva a bairros fronteiriços através da grota, algo atraente para rotas de fuga; outras vezes são denúncias ou fofocas locais de violência sexual contra um morador – um pai, um tio, um jovem – descobertos em ações intoleráveis, e espancados pelos próprios moradores até a morte, em meio à uma gritaria acusatória de ser um *tarado*. Outras vezes são *cobranças* por interferência em interesses do tráfico de drogas local, um morador *cabuêta*, uma *correria errada*. O próprio Moa relata quando jovem, *capoeirista valente, destemido, bruto*, já foi cobrado pelo

tráfico local porque “estava roubando muito”. Se pergunta muitas vezes como ainda está vivo.

Moa nasceu em União dos Palmares, sob muitos aspectos, uma trajetória típica de um morador que chegou à grota nos anos 90. Seu pai e sua mãe, assim com seus avós, eram pequenos sitiantes e residiam na zona rural de União. Uma parte da macaxeira, inhame, feijão e outras produções ficavam pra alimentar as bocas dentro de casa e a outra ia ser trocada na feira nos finais de semana, na cidade. As pressões por urbanização da vida aumentaram, na mesma toada, a pressão por dinheiro. Isso fez com que o pai de Moa alimentasse, pelas redes de parentes recentemente migrados pra Maceió, horizontes de mudança com oportunidades de emprego na construção civil e dos salários mais altos na capital. Ele vai na frente buscar trabalho. Depois a Mãe e Moa mudam-se para Maceió, quando ele tinha seis anos. A urgência estrutura o cotidiano. Inicialmente chegaram a uma moradia muito precária nas margens dos bairros Jacintinho e Jacarecica. Ela foi condenada pela defesa civil dois anos após. Venderam o terreno por um valor muito pequeno, como a troca entre objetos pessoais e lonas para serem montadas na beira da lagoa, mencionado na seção anterior na Levada. A partir de redes de contatos e ajuda mútua da parentela, se distanciaram do local de emprego do pai na construção civil, na parte baixa, e sobem para mais longe, nas baixadas da parte alta, na Grota da Alegria. Isso se deu quando Moa tinha 8 anos. A urgência por uma moradia melhor se impôs ao esforço para reduzir o custo e o tempo de transporte até o trabalho.

Agora o pai não era mais pequeno agricultor, mas trabalhador *fichado* na construção civil. Ganhava mais, mas não tinha a mesma liberdade pra plantar e comer o que ele próprio plantava: na própria terra, no próprio tempo, sem mediação do dinheiro. A percepção dessa falta de liberdade marca a vida de muitos homens nas periferias de Maceió que foram criados quando crianças com o horizonte de vida do pequeno sitiante como o seu destino na vida adulta. Nesse horizonte, liberdade e dinheiro são vistos muitas vezes como opostos, uma vez que comer bem depende do trabalho braçal direto e não de um símbolo no papel que ele não controla. Por isso muitos pequenos sitiantes, como o pai de Moa, mesmo tendo assumido um trabalho urbano formal com salário, implicando melhor renda, manterão uma pequena propriedade no lugar de origem pagando um meeiro. Assim, mantém um vínculo e uma obrigação com sua afeição pela sua terra e pelo modo de vida onde foi formado. Cria-se um calendário anual de visitas ao interior e à sua propriedade. Outra pessoa – o meeiro – se conecta a cadeia do dinheiro que circula na capital com o emprego urbano do trabalhador da construção civil e, assim, ajuda a operar micro mudanças nos padrões de consumo de quem ficou na zona rural, agora já muito mais interdependente da troca monetária.

Abandono, fuga e o furto desenfreado

As urgências por sobrevivência e moradia urbana entrelaçam-se às tramas afetivas que moldam parentalidade, controle e autocontrole das agressividades. Há muitas lembranças de agressões entre o pai e a mãe de Moa. “Eu me lembro como hoje, isso não sai da minha lembrança, que a gente fica guardando na lembrança. Meus pais sempre discutiam muito, verbal e, às vezes, saía agressão física, né?”. A agressão cotidiana também marcava a relação entre pais e filhos. “Minha mãe batia. Ela sempre foi bruta. Era mais de 10 irmãos numa casinha só.” A convivência doméstica baseada em longos períodos no interior da residência era simplesmente insuportável. Nessas circunstâncias, o alimento afetivo de uma criança a partir da autoconfiança e da confiança dos outros escasseia, sem que os pais tenham muito controle sobre as consequências. Apesar dos relatos de companheirismo e amor pela mãe, quando mais velho, compartilhando a responsabilidade de manter a casa, lavando roupa e aprendendo a cozinhar, uma reavaliação a posteriori, o medo dos pais e o abandono marcam as possibilidades de relação entre eles quando criança. “Eu não consigo explicar, eu não sei. Mas eu acho que eu me sentia melhor na rua que em casa. Tá entendendo?”. Furtos e busca por proteção e alimento afetivo é uma relação sintomática bastante conhecida em crianças esquecidas e abandonadas afetivamente (BOWLBY, 2002, 2004; WINNICOTT, 2005). Particularmente no caso de bebês e meninos negligenciados que chegam a serviços de saúde em periferias urbanas (MALTA, DEBORAH CARVALHO *et al.*, 2017). Tais dinâmicas afetivas estão presentes na vida de Moa:

Se a minha deixasse um dinheiro aqui, em cima da mesa, eu pegava esse dinheiro e não voltava mais. Do nada. Eu não usava droga, não tinha vício nenhum. Tá entendendo? Eu ficava com medo de apanhar. Naquele tempo era cruzeiro, 1000 cruzeiro, 100 cruzeiro. Eu pegava aquele dinheiro da minha mãe, aí ia gastar. Na minha mente eu ficava: “minha mãe vai me bater, minha mãe vai me bater”. Eu não ia mais pra casa.

Os ciclos de fuga de casa teriam começado aos 11 anos, após dois eventos que mudaram a sua vida. A morte de seu pai, por cirrose, aos 10 anos, e ter sido expulso de uma escola dirigida por suíços para pessoas de baixa renda no Benedito Bentes, quando estava na quinta série. Em auto-avaliação posterior, ele se classificou como uma criança hiperativa e rebelde desde a mais tenra idade, sem nunca associar os comportamentos assim nomeados com o tipo de experiência afetiva com os pais e outras perdas afetivas, descritas a seguir. Tendeu a associar brutalidade com boa intenção na criação.

Foi expulso porque furtou uma espingarda cano 12 do segurança da escola. Foi considerado de difícil adaptação às regras além de uma “maçã podre no meio de boas”. Saiu

“pra servir de exemplo pros outros também, né? Já o que eu fiz lá, tinha que tomar uma atitude. O responsável da escola pra os outros não ir fazer o que eu fiz também e ficar impune, né?” Foi encaminhado a um curso no SENAI de três meses, onde daria sequência ao aprendizado de padeiro que começou na escola, assim como um dos irmãos mais velhos. Mas não parece ter encontrado estabilidade na vida familiar e doméstica. Passou diferentes períodos fora de casa durante alguns anos, desde alguns poucos dias até 2 meses, período que teria ficado o máximo de tempo nas ruas. Ele não gostava de casa e nem do bairro, na parte alta, preferindo dormir ao relento na parte baixa, na região da beira da praia.

Moa foi um adolescente que fez parte da figuração que tornou pública a questão do *menor abandonado e em situação de rua* nos anos 90 em Maceió e no Brasil (MALTA; VERAS, 1998; MALTA, 2009). Aos 11 anos, vai por furto parar na FEBEM, posteriormente Centro de Recuperação de Menores (CMR), e atualmente Superintendência de Medidas Socioeducativas (SUMESE), passando quinze dias. Como menino de rua, encontrou guarida muitas vezes no Lar São Domingos, antigo orfanato ligado aos Fabianos de Cristo da Igreja Católica. Do mesmo jeito que era acolhido, costumava pular o muro da instituição para ganhar as ruas quando lhe convinha.

Capoeira, religião e presídio como dispositivos marginais de disciplina e ação

Aos poucos, Moa fica conhecido no Biu tanto pelos pequenos furtos como pela capoeira, que conhece aos 12 anos em um evento de uma escola. As canalizações de sua agressividade vão ganhando um código um pouco mais formalizado nos grupos e rodas de capoeira, mas não ao ponto de vive-los como um esporte sem perigos letais. A capoeira na Maceió periférica dos anos 90 era um jogo agonístico em que honra, integridade do corpo e da vida estavam explicitamente em jogo, assim como a participação em torcidas organizadas e diversões como escolas de samba, bois-bumbás e guerreiros. As rodas e grupos – que então mutuamente rivalizavam em circuitos de apresentações por toda a cidade – moldaram um jogo de avaliação da superioridade entre homens calcado na *malícia* e na *força bruta*, nas quais a excitação com a possibilidade de morte e de invalidez era concreta para os jogadores.

O adolescente Moa, que costumava agir sozinho nos furtos, que nunca gostou de *conloio* – parcerias –, fica 6 anos em um grupo de capoeira, cuja história sintetizou:

Eram 09 irmãos. Porque teve uma divisão de cabeças. O mestre titular mesmo, tava de cadeira de roda, que era o mestre Bilu, conhecido como Mestre Jorge. Ele tinha levado uns tiro nesse tempo e tinha ficado de cadeira roda e não resistiu, ficou traumatizado e morreu, né?

Porque naquele tempo [anos 90], a capoeira não era como hoje, tá entendendo? Naquele tempo, muita gente ia com aquelas pranchete grande, já ia na intenção

de arrumar briga mesmo. É que nem CRB E CSA hoje. A capoeira era assim, se você, meu grupo é esse, o outro grupo rival, nosso grupo rival era o Raça e também outros grupos pequenininho que não entrava nessa briga de cachorro grande que era o Raça e o Muzenza, mas quando entrava, sempre dava zoadá, briga. E sempre saía briga e quando saía briga, saía berimbauzada na cabeça, saía tiro, saía polícia, tá entendendo? A capoeira realmente não é a capoeira respeitada que é hoje. Mas antigamente não tinha esse respeito. Antigamente, se o nosso rival tava fazendo uma roda lá embaixo no Centro, a gente arrumava um ônibus e ia bater lá. [...] Pra acabar com a roda dele lá.

Porque era aquele negócio assim, nós fazemos parte do segundo maior grupo do mundo. O primeiro é o Abadá, tá entendendo? É que nem time, a gente sempre quer ganhar, nunca quer perder. Então a gente queria ganhar moral, respeito em cima desses caras. Pra mostrar quem era a verdadeira capoeira. Tá fazendo uma roda ali, “vamo acabar” e nós ia e acabava mermo. Quando chegava Muzenza, os cara dizia: “a Muzenza vêm aí”, os cara pegava a bolsa, nem jogava. Não precisava vir 5, 10 capoeirista da Muzenza, precisava de 2, 3 da Muzenza. Se tivesse 10, 15 da Muzenza, acabava aquela roda. Vamos dizer que tava fazendo uma roda aqui, meu primo. Mas de 20 aluno dele, se eu chegasse com mais 2, 3 da Muzenza, nós acabava com aquela roda. Não deixava mais entrar. Queria mostrar superioridade, ser superior e mostrar que a Muzenza era a Muzenza e não tinha mais pra ninguém. Tinha muitos que não comia nada da Muzenza, era amada e odiada ao mesmo tempo. Nosso grupo é assim. Ele é amado e odiado. Tem gente que gosta, mas tem gente que odeia. Gente eu digo outros capoeirista, eu tô falando nele. Tem capoeirista que se ver a Muzenza na frente e poder rasgar e matar a camisa com tudo, mata. Porque é aquele negócio, vamos dizer: “esses caras só que ser os bons, os tal”, e não somos nada. Mas isso mudou, nossos pensamento é diferente. [...] Mas ainda tem um monte de coisa ainda.

A tensão entre perspectivas de contenção da violência no jogo de capoeira continua até hoje entre os grupos e seus líderes, com muitas dissidências entre si. O desenvolvimento de Moa na capoeira, em outra direção, ajuda a entender um lugar de reconhecimento público concreto para ele e para muitos adolescentes homens negros e vindos de família pouco alfabetizadas como ele, mesmo que pela linguagem de atemorizar os outros com seu jogo valente e bruto. Essa sua passagem por grupos de capoeira dá-se seguindo-se o ideal ego-centrado de ser um indivíduo único que os outros devem respeitar, mesmo que não fizesse muita questão de que a recíproca fosse a mesma. Respeito aqui significa aceitação explícita de sua superioridade e não a vergonha por enuncia-la publicamente (WOUTERS, 2007). Não havia o mesmo entendimento com as noções de respeito de donos de biqueiras e lideranças de presídio, por exemplo, ainda que amassa carcerária fosse mais de acordo com a ideia de respeito de Moa em sua adolescência. Respeito é nome disputado e invocado publicamente nas interações de conflito, com sentidos muito diferentes entre seus enunciadores (ranciere).

Continuou furtando. Cada vez mais. Cada vez mais dependente da maconha, e depois do crack. Foi obrigado a sair da grota porque tinha sujado tanto a quebrada que a polícia e os *cabeças* do tráfico local queriam *passa-lo*. Na quebrada morava um policial que, à paisana, também repassava informações para aliados na polícia e assassinava jovens sob a justificativa de “estar limpando a área”. Uma figuração de duplo-vínculo comum no desenvolvimento da

periferia maceioense (RODRIGUES, FERNANDO DE JESUS, 2019a). Ficou um tempo morando com a mãe em União dos Palmares, já que depois da morte do marido, ela voltou ao sítio que tinham. Perambulou por grupos de capoeira em diferentes cidades de Alagoas e estados vizinhos, sem se fixar em nenhum, apesar de ter adquirido uma reputação de bom capoeirista, ainda que brigão e temido.

Voltou à grota depois de um ano. Seus parentes, incluindo irmãos, ainda moravam lá e intermediaram seu retorno. Conheceu sua atual companheira, também nas redes familiares. Ela era então casada com o tio de Moa, mas de acordo com seu relato, estava desgostosa porque havia descoberto a homossexualidade ou bissexualidade do marido, e traições. Ele investe na conquista e ela se aproxima dele. Eles *se juntam* e vão morar no barraco de Moa. Instauram-se afastamentos na família, parte dela moradora da grota. Eles têm um filho, depois uma filha, e a pressão por emprego e dinheiro aumenta. Estamos no segundo governo FHC, e a recessão agravada pelo apagão em 2000 e 2001 faz com que sua companheira e ele próprio fiquem sem qualquer tipo de renda, uma vez que ele intensifica o consumo de crack, tornando-se aos olhos de todos um *noiero*, vendendo todos os bens de casa. Nesse momento dá-se um dos momentos mais dramáticos de sua vida.

O desemprego encontra a fome que encontra a dependência química na encruzilhada de desenfreados furtos que comete. Está prestes a ser assassinado pelos donos de biqueiras:

Como eu disse a você, trabalhei na padaria. Oxi, morei quase 8 mês na padaria, sem ter pra onde ir. Eu terminei o serviço, eu dormia. Eu era escravo dela [padaria]. Eu acabava o serviço e não ia me embora. Quando o cara chegava, tava tudo pronto. No caso, você devia ir simhora pra casa, voltar 3 da manhã do outro dia.

Pra mim contar o sofrimento dela [companheira], eu tenho que contar isso. Os 8 meses que eu dormi na padaria, peguei o dinheiro e aluguei uma casa perto da padaria. Botei minhas coisas, comecei a botar as coisas dentro de casa. Ficou tudo organizado, uma maravilha. Depois comecei a tirar as coisas dentro de casa que eu tinha botado pra vender e sustentar o vício do crack

Foi se agravando. Chegou um momento de quando eu receber da padaria, eu não ter um centavo mais no final de semana. Até o dono sabia, ele me dava conselho. Depois eu fiquei desempregado. Comecei a vender as coisas de dentro de casa, pra sustentar o vício. O irmão, tinha uma vez que eu tinha vendido tudo dentro de casa. Sobrou uma cama de casal e minha mulher, meu menino e minha menina. Fogo de lenha, dos tijolos no quintal. Era uma vila, sofrimento da miséria, horrível, terrível. Minha mulher chorando de fome lá na frente e eu lá trás com uma lata na boca e meus meninos chorando com fome. Essa foi uma cena que eu nunca mais esqueci, isso serviu pra me dar força pra me levantar contra tudo isso. Minha mulher e os menino chorando. Só tinha meia fubá, ela foi lá e eu com a lata na boca, usando crack. Não tinha nada. Ela fez um fogo de lenha lá e fez um quarenta¹¹. Chorando. E eu não dava valor pra ela não, só queria saber do crack. Quando ela terminou de fazer foi dar ao menino. Esfriou, foi dar ao menino, só tinha aquilo, quando ela foi botar na boca do menino, o menino enguiou. Enguiou, seco assim ó. Ela olhou pro menino, ela chorou mais do que já tava chorando com a mão na cabeça sem saber o que fazer e eu com a lata na mão, agarrado. Tá entendendo? Eu não dava o valor a minha família merecido. Com

¹¹ Forma de cuscuz

fome, eu arrumava dinheiro pra sustentar meu vício, mas não dava pra dar de comer minha esposa, meu filho. Meu filho e minha mulher chorando sem ter nada, chegava assim, tinha nada, nada. Chegou um tempo que eu arranquei até a fiação de casa, deixei só um fio pra iluminar a sala e a cozinha toda. Arranquei tudo pra descascar o fio e fazer cobre pra vender. E sem falar nos caras que chegava lá na porta querendo me matar. Chegar na porta, minha mulher, “cadê teu marido, tá aí?” e eu me escondendo dentro do quarto, sabendo que ia morrer e a mulher dizendo que eu não tava. “Diga a ele que fulano, cicrano quer falar com ele”. E eu escondido dentro de casa com medo de morrer.

– Chegou um momento que eu não tinha nem como correr mais. O cara chegou assim, a polícia já tinha chegado comigo na minha porta na mala. A policia me pegou no 2, deu uns tapa, me levou na casa do cara que eu tinha feito uns furtos. Ai o cara bom, me deu serviço, dono de padaria também, me deu serviço, eu fiz furto na padaria do cara, a polícia me pegou, os cara me pegou e levou pra polícia. O cara não quis prestar queixa - da padaria, pediu pra me liberar e tudo, eles não liberaram. O que fizeram? Me humilharam. Me levaram lá onde ele tava, no meio de todo mundo de noite, me bateram na rua pra todo mundo ver. Polícia militar. “Se eu pegar você roubando, você vai ver”. Eu tive aquela vergonha porque todo mundo sabia quem você era. E eu entrei dentro de casa com vergonha. Quando ele saiu, os cara encostaram pra me matar. Os caras me chamaram: “vem cá”, eu já sabia que ia morrer. Ai eu já sai pronto pra morrer mesmo. A minha mulher: “não vá não, não vá não”, “eu vou, se eu tiver de morrer, não vou poder fazer nada”, mas Deus tem propósito na minha vida, eu sei que tem. O cara: “rapaz, você tá demais na parada”, o cara com a arma na cintura. O cara puxou a arma: “tá vendo isso aqui? Isso é pra você. Você não mosque não”. Eu ali tava como morto já e o cara tinha matado vários cara já. Pra ele matar mais um era nada.

Os furtos desenfreados o colocaram no circuito da polícia e da justiça. *Cain* 1, 2, 3 vezes em delegacias. Na quarta foi conduzido até a casa de custódia, e de lá, até o cadeião, no sistema penitenciário, onde passou 4 meses. Em seu relato, foi um ponto de virada na sua vida porque ali conheceu melhor a palavra de Deus, mesmo não assumindo os compromissos e identidades de crente. Incorporou alguns fundamentos dogmáticos, pela leitura da palavra e por pregações e louvores, para dialogar com avaliações de sua consciência sobre suas práticas e caminhadas. Ademais, as regras do presídio e a palavra de Deus serviram de acervo simbólico com os quais lidou com as regras do crime local. Depois de sua passagem pelo presídio, ganharam a amplitude e o estilo das facções. No seu caso, as referências dos aliados e ideias PCC (BIONDI, 2018):

Eu sabia a regra da grota. Mas subir essa ladeira aqui, só vivia correndo na frente da viatura. Chegava de noite. E dessa última vez que eu caí no presídio, tinha acabado de discutir com a minha esposa. A gente discutiu do nada. Eu deitado assim, eu me abusei e saí. Eu já era viciado em crack, fui fazer um furto aqui em cima, umas pás. Peguei 6 pás novas de um depósito de construção. E saí com a pá, ninguém viu. Quando eu cheguei mais na frente, o cara veio atrás de mim com mais dois cara com ferro na mão, em frente ao oitavo. Pra me pegar, em frente ao oitavo. Ai fizeram a abordagem. Graças a Deus que fez a abordagem era evangélico. Pegou meus pertence, levou pro oitavo, conversou com o delegado, delegada, era uma mulher e pronto, eu tive que ficar trancafiado. Passei um tempo na cadeia de custódia lá em cima. Depois de 4 dias fui transferido pro presídio, que eu não era mais réu primário. Já tinha tido umas 3, 4 quedas. Ai quando eu caí no cadeião, passei 4 meses e 10 dias. No cadeião rola de tudo que você pensar. Só não rola o crack, mas o que você pensar de droga passa na sua mão assim ó.

Porque lá é tudo calmante pros preso. Tem que ter. Não vem dizer que não tão, que tem. Se não tiver, o cadeião vira. O presídio vira. Passava maconha na minha mão, o pó na minha mão e eu nunca usei. Acredita que eu cheguei a entrar numa cela que só tinha viciado, a noite todinha fumando maconha e cheirando pó e eu morria lá dentro tossindo, agoniado, mas não botava um baseado na boca. Só chorava de arrependimento, aquela angústia e nojo da droga, querendo vomitar. 4 meses e 10 dias, saí de uma cela que só tinha viciado pra uma cela que só tinha evangélico. Tem uma cela de evangélico lá pra quem não usa droga, quem não quer nada, mais reservado. Fui pra lá pra cela dos evangélicos, cumpri minha penitência todinha lá nessa cela. Saí de lá de outro jeito já. Quando eu saí de lá, não queria mais saber de crack, não usava crack, até hoje. Até hoje. Eu não uso mais o crack, tá entendendo? Hoje eu olho pra minha família, tenho maior orgulho da minha família. Antes disso, minha vida era banda voou. Ninguém me dava um desse pra tomar conta, ninguém, ninguém, ninguém. Não pisava nem aqui. Hoje mestre Carlinhos me dá maior apoio, por isso ele tá no meu pé direito. Me leva pra uma viagem, não que eu queira, jamais ter uma recaída dessa, a pessoa que eu vivo e Deus é maior pra mim que uma recaída. Eu tenho recaída sim, no sonho.

I – Sonhando com miserável. No sonho eu choro, quando eu acordo, tô chorando. Quando eu olho assim, vejo que é um sonho, eu choro porque é um sonho e ao mesmo tempo fico revoltado, porque eu tenho a sensação que eu acabei de usar ela no meu sonho, tenho a sensação de ter usado ela. Aquele nojo assim, vontade de vomitar assim e chorando. Rola por aí. Mas na vida ela não entra mais. Foi o sofrimento.

I – Eu creio assim, que a decisão foi minha. Se eu não quiser fazer nada. Se Deus quiser fazer uma coisa na minha vida, eu tenho que dar caminho. Deus quer me dar uma coisa boa, como Deus vai me dar se eu não quero. Um exemplo assim, Deus não pode interferir na sua vida. A única coisa que nós temos na nossa vida que Deus foi o livre-arbitrio. O resto Deus pode interferir no resto. Mas na sua decisão Deus não pode interferir. Se você quer um carro, você vai ter um carro. Você lutou pra ter um carro, Deus vai lhe dar um carro. Como Deus vai lhe dar uma moto, se você quer um carro? “Não, vou dar uma moto a você”. Mas você não quer um carro? Nem que você morra com o carro depois. Mas o carro né seu que você quer? Então foi a decisão dessa aí. Mas lá dentro, bem dizer, eles não me ajudaram em nada.

O esforço de virada na vida, mais radical ou moderado, continua inserido na história do corpo da pessoa. É em seu percurso que ela pode operar uma fissão sobre si mesma. A busca de um futuro diferente está nas disposições e potencialidades guardados no repertório de gestos. Quando Moa sai do presídio, um dos primeiros lugares que ele busca é uma roda de capoeira. O período no presídio abre-lhe a mente para pensar em si mesmo não apenas como indivíduo, mas como parte de coletivos. Dar mais valor à família e à capoeira, não mais como a exibição potente do valente, mas a apreciação da civilidade do jogo com o outro e do ensino à uma criança. Alguns mestres da capoeira teriam lhe *lapidado*, termo comum utilizado para indicar a transformação da bruteza em sutileza de estilo, um jogo.

A ONG do pastor Dinairon foi um momento importante em sua vida na grota, pois foi nele que o projeto de capoeira do Mestre Azul pode se desenvolver com o dinheiro dos luteranos canadenses. E nesse processo adquiriu a visão de mestre, se colocar no lugar dos pais e se colocar no lugar dos meninos como outros dele mesmo.

Com o fim do projeto, o horizonte adquirido não se perdeu, mas teve de se ajustar aos constrangimentos para cotidianamente sobreviver. Entre as expansões e contrações do emprego formal e informal mutuamente conectados em Maceió, cruzou constantemente a fronteira do legal e do ilegal, não no furto, pois que agora segue as regras da quebrada, mas fazendo correres em biqueiras. A elasticidade de seus horizontes de vida mudou, ainda que não tão elásticas que lhe permitisse adquirir saberes-fazer dos novos empregos formais em ascensão, mas na elasticidade do mercado de trabalho disponível em suas redes, que passa pelo corre.

Conclusão: o novo mundo das fronteiras internas do Brasil

Uma parcela significativa de nossos interlocutores são netos e filhos de pequenos agricultores, cortadores de cana, funcionários de usinas, pescadores, os melhor posicionados eram filhos de policiais, professores, funcionários de fábricas e empresas públicas. Os mais jovens cresceram em regiões urbanas com direções de urbanização e horizontes de vida muito distintos dos mais velhos. Estes, por sua vez, viveram a mudança de toda uma figuração social e sentiram seus mundos virarem de ponta cabeça no curso de suas vidas.

As promessas do desenvolvimentismo no século XX – as realizadas e as mais comuns, as malogradas – entre os pobres que moravam em pequenas e grandes plantações de Alagoas ou Pernambuco e que rumaram para Maceió não moldaram os mesmos horizontes de vida daqueles que migraram para as periferias de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (FELTRAN, 2010; HIRATA, 2018; SILVA, 2020; TELLES, VERA DA SILVA; CABANES, 2000). Ele já chega rarefeito apontando o dedo narrativo para o “Nordeste” como o lugar do não desenvolvimento (CARVALHO, 2017; WEINSTEIN, 2015). Maceió é uma formação urbana que não conheceu super migrações nos anos 40 e 50 de pessoas vindas de todo o país como o Rio de Janeiro e São Paulo. E nem surtos de industrialização nacional tardias como os que afetaram Recife e Salvador a partir dos anos 70.

A capital alagoana tornou-se o centro da vida das elites estaduais apenas após os anos 50 do século XX; e centro de treinamento da polícia estadual apenas nos anos 70¹²; a cidade também foi um polo secundário de atuação das agências de desenvolvimento regional (a SUDENE)¹³ no espaço urbano alagoano e, ademais, foi o palco de constantes intervenções fiscal e militar do governo federal ao longo do século XX, por conta de dependência direta

¹² Com a criação de proposta pouco estruturada de academia de polícia. Entretanto, seria mais apropriado dizer que apenas nos anos 80 esse processo ganha contornos mais nítidos.

¹³ Seguindo a correlação de forças do estado, parcela importante da atuação da agência foi direcionada para o setor sucro-alcooleiro.

do estado de Alagoas de parcela do orçamento federal. O intricado de tais fenômenos rumaram em Alagoas na direção de um conflito armado entre exército e policiais militares no entorno do palácio dos martírios, sede do poder estadual em 1997. Isso, por sua vez, culminou na queda de um governador e na desestruturação parcial do estado estadual, iniciada ainda nos anos 80, por desonerações fiscais dos principais atores econômicos do estado: as usinas sucro-alcooleiras.

Nas periferias urbanas, todos esses cursos sociais encontraram um processo inédito de expulsão massiva de trabalhadores rurais e pequenos sítiantes do campo com o desmantelamento do sistema de moradas associado às grandes plantações. Algo em torno de 47 mil famílias saíram abruptamente de suas casas, expulsas de pequenas e grandes plantações para buscar novas oportunidades de habitação e trabalho entre 1995 e 2003. Em muitos casos, são buscas por trabalho e moradia em diferentes fazendas antes que famílias se fixassem em uma cidade. Maceió recebeu uma grande parte desse contingente, formando zonas de refugiados em suas margens, algo então conhecido como *idades de lona*, posteriormente transformados em bairros periféricos, e as *grotas*, as baixadas íngremes em platôs, desvalorizados para moradias e para onde acorreram muitos dos expulsos do campo. Seus habitantes viriam a ser enovelados parcialmente pelas dinâmicas eleitorais e empregos na política (BORGES, 2006). Essas novas redes de interdependências entre migrantes, líderes eleitorais e lideranças locais forjou a criação de bairros urbanizados e zonas esquecidas, figurando novos cursos “do estado” e “do mercado” nas periferias de cidades em regiões vistas historicamente como atrasadas do país. Muitos setores estabelecidos do país tenderam e tendem a ver a periferia urbana de Maceió e seus interiores como um lugar que não deveria fazer parte do país ou que precisa fazer parte do país, porque não estandardizado de acordo com certos ideais, ou seja, uma fronteira interna.

O que se assinala é que as constituições de dispositivos, posições e contraposições estatais e mercantis em Maceió e Alagoas são bastante diferentes de outros processos urbanos a mais tempo conhecidos. Especialmente daqueles nas grandes cidades que majoritariamente fornecem referências de conhecimento sobre a vida urbana no Brasil, ainda que os processos urbanos de Maceió mantenham estreita dependência das dinâmicas de metropolização das grandes cidades sudestinas e nordestinas.

A dinâmica do mercado informal e ilegal não é apenas diferente entre os mais velhos e jovens com quem conversamos. Algumas das fronteiras de normalização que permite falar em dinâmica criminal, algo que torna possível falar em crime se constitui nesses processos para essas populações. Ele foi um dos veios de aproximação entre migrantes que tinham suas

vidas inteiramente enraizadas no mundo rural, em pleno fim do século XX, e estilos de criminalização por polícias e tribunais estruturados em grandes cidades brasileiras em meados do século XX. Os mais velhos não conheciam a vida de uma delegacia, um tribunal, como acontece hoje em dia, mesmo que para condená-lo sumariamente. O ladrão e o trabalhador podiam ser abatidos por um pistoleiro avulso que vende serviço em praça, membro de uma milícia de um patrão ou diretamente pelo patrão. Eles poderiam ser policiais, mas não exatamente do jeito que conhecemos hoje como integrante de uma corporação que ganhou vida própria. A imagem do papel de um delegado não significava a mesma coisa que hoje, mas um subordinado ou aliado de grandes proprietários, podendo ser um líder de milícia, também não no mesmo sentido que conferimos hoje a esse termo.

Assim, os nossos mais jovens interlocutores, além de viverem próximos a policiais e justiceiros que controlam mercados ilegais e moldam de maneira semiautônoma governos locais em bairros periféricos, muitas vezes com apoio de lideranças eleitorais e judiciais, precisaram agora aprender a se posicionar diante de referências de justiça e de comércio controlados por aliados faccionais.

As relações das periferias com a região sudeste mudaram com as facções e presídios. Por tais redes passam comércio, crime e justiça, ligando várias partes do país por uma figuração inédita entre instituições estatais e não-estatais. Os sonhos de progresso já eram vistos como um sonho distante entre os nordestinos periféricos, que lutavam contra o sentimento e as forças de estarem alijados desse horizonte. Uma parte importante da geração mais velha, ligada às grandes e pequenas plantações, ainda sonham em manter distância dos “centros dinâmicos” com um sítio, uma vida sem atravessadores – políticos, comerciantes e ladrões. São sonhos e horizontes, de uma perspectiva externa, de descentralização.

As imaginações de uma geração mais velha não apenas não são as mesmas das mais jovens, mas as condições de aproximação e diálogo entre eles se tornaram uma questão tensa. O que os distancia e os aproxima em termos de condições de colocar questões públicas, no sentido de enunciar problemas coletivos a serem enfrentados, em suas famílias, vizinhanças e diferentes circuitos por onde circulam na cidade é múltiplo e pouco mediado por espaços de escuta e falas mútuas.

Os idiomas políticos proliferam sem muitos tradutores. Não porque antes fosse claro e convergente, mas porque muitas vozes surgiram sem que se tenha tido a chance de moldar referências comuns em relação às quais colocam suas divergências. Os lugares de reivindicação são múltiplos e figurados através de repertórios simbólicos com abrangência limitada de enunciação-de-nós. Portanto, não podiam viver a perda da concentração da força

estatal onde isso nunca fora realidade concreta. Em suma, o mundo em relação ao qual as referências de poder, justiça e sucesso se descentralizaram não foi o do estado-nacional, apenas uma pálida e distante promessa para eles. De fato, lutamos ainda contra fantasmas quando se trata de entender lógicas de integração dos pobres das áreas mais periféricas no Brasil fora do campo de visão das megalópoles, ainda que sob vários aspectos, façam parte de uma mesma figuração nacional.

As questões políticas locais associadas a lutas individuais por ter um valor para outros, seja na aposta por uma carreira no mundo da diversão ou por oferecer ideais de mudança através de um movimento social, são rotineiramente constrangidas por pressões latentes de as pessoas recorrerem a redes de assistência, intensificadas com a pandemia. As redes de ajuda e mercados simbólicos que ligam moradores estão hoje marcadas por divisões de poder faccionais que marcam zoneamentos de livre circulação e por crédito disponível que alimenta alguns circuitos de diversão. Em outra direção, estão pressionadas por um novo surto de conquista dos ideais dos pobres por movimentos sociais, terrenos já há muito ocupado por umbandas, candomblés e igrejas evangélicas.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo De; LUCCA, Daniel De. Situações periféricas. *Novos estudos CEBRAP*, v. 82, p. 109–130, 2008.
- BARBOSA, Antônio Rafael. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduff, 1998.
- BARROSO, Ibrahim Serra. *Entre as ruas e as mídias: das redes de hip hop aos circuitos de batalhas de rimas alagoanos*. 2019. 294 f. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, 2019.
- BIONDI, Karina. *Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC*. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.
- BORGES, Antonádia. O emprego na política e suas implicações teóricas para uma antropologia da política. *Anuário Antropológico*, p. 91–125, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Argelia 60*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2013.
- BOWLBY, John. *Apego: a natureza do vínculo*. 2002. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOWLBY, John. *Apego e perda, vol. 3: perda, tristeza e depressão*. [S.l.]: Martins Fontes, 2004.
- CALDEIRA, Teresa PR. Peripheral urbanization: autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global south. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 35, n. 1, p. 3–20, 26 fev. 2017. Disponível em:

<<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263775816658479>>.

CARVALHO, Moacir. Umbanda com mironga e sem macumba: jornais, oficiantes, e legitimidade mágico-religiosa em contextos concorrenciais periféricos. In: RODRIGUES, FERNANDO DE JESUS (Org.). . *“Periferias” e economias das simbolizações: batalhas por valor humano e mercados culturais*. Maceió: Edufal, 2017. p. 73–120.

CAVALCANTE, Joaldo. Salgema: do erro à tragédia. Maceió: Editora Cescmac, 2020.

DAS, Veena. The Boundaries of the “We:” Cruelty, Responsibility and Forms of Life. *Citizenship Studies*, v. 56, n. 3–4, p. 319–333, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/14409917.2016.1153888>>.

DAS, Veena; RANDERIA, Shalini. Politics of the Urban Poor: Aesthetics, Ethics, Volatility, Precarity. *Current Anthropology*, v. 56, n. Supplement 11, p. S3–S14, 2015. Disponível em: <<http://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/682410>>.

FELTRAN, Gabriel. (Il)licit economies in Brazil: an ethnographic perspective. *Journal of Illicit Economies and Development*, v. 1, n. 2, p. 145–154, 2019.

FELTRAN, Gabriel. Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo. *Lua Nova*, v. 79, n. 11, p. 201–233, 2010.

FELTRAN, Gabriel. Vinte anos depois: a construção democrática brasileira vista da periferia de São Paulo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 72, p. 83–114, 2007.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

HIRATA, Daniel Veloso. *Sobreviver na adversidade: mercado e formas de vida*. São Carlos: EdUFSCAR, 2018.

HITA, Maria Gabriela; DUCCINI, Luciana. Da Guerra à Paz: o nascimento de um ator social no contexto da "nova pobreza" urbana em Salvador/Bahia. *Caderno CRH*, v. 20, n. 50, p. 281–297, ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200007&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 18 mar. 2020.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco*. . São Paulo: Editora 34. , 2002

MALTA, Cláudia Viana de Melo;; VERAS, Mariluce de Macedo. *Caracterização da criança e do adolescente no município de Maceió*. Maceió: EDUFAL, 1998.

MALTA, Cláudia Viana de Melo. *A (in)visibilidade de crianças e adolescentes*. Maceió: EDUFAL, 2009.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Fatores associados a violências contra crianças em Serviços Sentinela de Urgência nas capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 9, p. 2889–

- 2898, set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902889&lng=pt&tlng=pt>.
- OOSTERBAAN, Martijn. Gospel funk: pentecostalism, music and popular Culture in Rio de Janeiro. In: INGALLS, MONIQUE M; YONG, AMOS (Org.). . *The Spirit of Praise: Music & Worship in Pentecostal-Charismatic Christianity*. State College: Penn state press, 2015. p. 262–78.
- OOSTERBAAN, Martijn. Sonic Supremacy. *Critique of Anthropology*, v. 29, n. 1, p. 81–104, mar. 2009. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0308275X08101028>>.
- PEARCE, Jenny. *Politics without Violence? towards a post-weberian enlightenment*. Cham: Springer International Publishing, 2020. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-26082-8>>.
- RODRIGUES, Fernando de Jesus. “Corro com o PCC”, “Corro com o CV”, ”Sou do crime”: facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 35, n. 103, p. 1–21, 2020a.
- RODRIGUES, Fernando de Jesus. Mercados ilícitos, ambivalências e agressividade: condições estatais e mercantis de um circuito de bailes de reggae em periferias de Maceió, AL. *Contemporânea - revista de sociologia da UFSCar*, v. 9, n. 1, p. 199–227, 2019a.
- RODRIGUES, Fernando de Jesus. Mercados ilícitos, ambivalências e agressividade: condições estatais e mercantis de um circuito de bailes de reggae em “periferias” de Maceió, AL. *Contemporânea*, v. 9, n. 1, p. 199–227, 2019b.
- RODRIGUES, Fernando de Jesus. “Necessidade” de “polícia” e a “paz” das “facções”: desejos de “ordem” e efeitos de “desordem” nas periferias de Maceió, AL. In: JOÃO BATISTA DE MENEZES BITTENCOURT (Org.). . *Juventudes contemporâneas: desafios e expectativas em transformação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Telha, 2020b. p. 126–142.
- RODRIGUES, Jeyson Messias. *(Hetero)doxa negociada: ambivalências discursivas nas relações de distinção e sociabilidade na Igreja Batista do Pinheiro no campo batista alagoano*. 2018. 289 f. Programa de pós-graduação em Sociologia, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3626>>.
- SANTOS, Andréa Laís Barros. *As fronteiras mutantes do pecado: informalização erótico religiosa entre homens e mulheres, formação pastoral e o batismo de homossexuais na Igreja Batista do Pinheiro, Maceió-AL*. 2017. 114 f. Progrma de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2024>>.

- SANTOS, Nido Farias Dos. *A valorização da potencialização sonora nas periferias da cidade de São Miguel dos Campos - Alagoas*. 2016. 111 f. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1431>>.
- SANTOS, Nido Farias Dos; RODRIGUES, Fernando de Jesus. Paredão na calçada, polícia na porta: conflitos vicinais e transformação da diversão nas periferias de São Miguel dos Campos - Alagoas. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 24, n. 2, p. 278, 2019.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, Sérgio da Silva. *O cotidiano das posses de hip hop em Maceió: territorialidades, visibilidades e poder*. 2014. 129 f. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2014. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6292/1/SERGIO_SILVA_SANTOS.pdf>.
- SILVA, Luiz Antonio Machado Da. *Fazendo a cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2020.
- SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 1º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert. Nas dobras do legal e ilegal: ilegalismos e jogos de poder. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 5–6, p. 97–126, 2000.
- TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. *Estudos Avançados*, v. 21, n. 61, p. 173–191, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000300012&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- WEINSTEIN, Barbara. *The color of modernity: São Paulo and the making of race and nation in Brazil*. Durham and London: Duke University Press, 2015.
- WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WOUTERS, Cas. *Informalization: manners & emotions since 1890*. 1st. ed. London: Sage, 2007.